



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH**  
**Escola de Educação – EE**

**Monografia de Conclusão de Curso**

**Rodrigo Figueiredo Nocchi**

**A estrutura do complexo de Édipo em Freud e Lacan**

**Orientadora: Profª Drª Rita Maria Manso de Barros**

**Rio de Janeiro**  
**Dezembro de 2010**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH**  
**Escola de Educação – EE**

**Rodrigo Figueiredo Nocchi**

**A estrutura do complexo de Édipo em Freud e Lacan**

**Orientadora: Profª Drª Rita Maria Manso de Barros**

**Trabalho de conclusão de curso, modalidade monografia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.**

**Trabalho produzido com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.**

**Rio de Janeiro**  
**Dezembro de 2010**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH  
Escola de Educação – EE

Monografia de Conclusão de Curso

Rodrigo Figueiredo Nocchi

A estrutura do complexo de Édipo em Freud e Lacan

Aprovada por:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita Maria Manso de Barros  
(professora orientadora)

Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2010

## AGRADECIMENTOS

Traçar este percurso só foi possível graças à contribuição de muitos e ao papel decisivo de poucos. É um imenso desafio enumerá-los aqui, especialmente neste momento que sou tocado por inúmeras recordações felizes.

Agradeço, primeiramente, a minha família: David e Ana, meus pais, e a minha irmã Luciana. Aos meus pais por todo o amor e carinho que têm feito de nossa família uma família feliz. Agradeço também pelo investimento que vocês tem feito em mim, sempre apostando em meu desejo: desde a compra de uma coleção de vídeos sobre vacas leiteiras criadas em confinamento, pedido inusitado de um menino apaixonado por animais durante a infância, até à disposição para me apoiar em minha formação, me presenteando com um sem-número de livros (mesmo que os títulos fossem completamente estranhos a eles), e por possibilitar que eu pudesse participar de tantos eventos acadêmicos e analíticos durante a graduação. Agradeço à Lú, pela amizade e pela cumplicidade e por ter me reconfortado sempre que me encontrava angustiado com o estudo e com o trabalho de escrita baseado no enigmático Lacan. “É fácil”, dizia ela. “É só colocar aí que A mulher não existe e que não há relação sexual que está tudo certo”.

Agradeço também aos meus avós: vovó Ana e vovô Afonso, *in memoriam*, vovó Eva e vovô Nazareno por servirem para mim como referências preciosas, pelo apoio e pelos exemplos de dedicação, trabalho, perseverança e humildade.

Ao Geraldo, companheiro de todas as horas e interlocutor a respeito da psicanálise, mesmo que a contragosto, com quem pude compartilhar muitas descobertas que fiz ao longo deste percurso, especialmente na viagem à Grécia que foi uma das inspirações para o tema desta monografia.

Aos amigos ainda próximos e aos distantes, muito obrigado.

À Rita Manso, amiga, professora e orientadora por ter me acolhido, depois de muita insistência, em sua pesquisa e por ter me apresentado à psicanálise, encontro que foi fundamental em minha vida. Agradeço aos seus conselhos e orientações, sempre coerentes com a ética analítica, precisos e marcados pelo seu estilo singular que me permitiram ter autonomia e liberdade para criar e para produzir, respeitando com paciência e delicadeza o ponto em que me encontrava no percurso de minha formação – que continua.

Aos meus analistas. A primeira por ter me ajudado, não sem alguma medida de sofrimento, a atravessar o Édipo. Ao segundo por ter me escutado durante a adolescência enquanto “atualizava os conflitos edipianos” é a atual que saberei pelo que agradecer no só-depois da transferência.

Meu reconhecimento e respeito aos professores que me acompanharam durante a difícil jornada pela escola e agora recentemente na universidade.

Ao professor Alberto Roiphe por ter aceitado de imediato o convite de ler minha monografia e pelas palavras sempre atenciosas e amigas.

Agradeço especialmente à UNIRIO e ao CNPq pelo apoio financeiro durante a pesquisa e a execução deste trabalho.

À Escola Brasileira de Psicanálise e à Associação Mundial de Psicanálise, pelas preciosas orientações epistêmicas, clínicas e políticas no percurso que venho fazendo na sustentação do meu desejo com relação a psicanálise.

E, finalmente, aos analistas que, desde Freud, continuam apostando na psicanálise mantendo-a viva com sua poesia num mundo demasiadamente matemático.

À memória de meu avô Afonso , com  
carinho.

**“O complexo de Édipo é algo tão significativo  
que não deixa de produzir seus efeitos, seja lá qual for a forma  
que nele se chega ou que dele se sai.”**

**- Sigmund Freud, 1925.**

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo o conceito psicanalítico de complexo de Édipo. Propomos definições para esse conceito e apresentamos o mito grego que deu origem a seu nome. Expusemos algumas leituras e críticas que foram feitas a ele. Adotamos como referencial teórico as elaborações de seu criador, Sigmund Freud, e as de Jacques Lacan. Por fim, concluímos que o conceito de Édipo continua válido em nossos dias para pensar a passagem da criança do estado de natureza para o de cultura, produzindo um sujeito desejante e sexuado.

**Palavras-chave:** complexo de Édipo; educação; psicanálise.

## SUMÁRIO

|   |             |
|---|-------------|
| <b>Agradecimentos.....</b>  | <b>iv</b>   |
| <b>Resumo.....</b>  | <b>viii</b> |
| <br>  |             |
| <b>Introdução.....</b>  | <b>1</b>    |
| <br>  |             |
| <b>Capítulo I – Considerações preliminares sobre o complexo de Édipo.....</b> | <b>4</b>    |
| <br>  |             |
| <b>Capítulo I – O complexo de Édipo em Freud.....</b>                         | <b>17</b>   |
| Capítulo 1.1 – O complexo de Édipo no menino.....                             | 18          |
| Capítulo 1.2 – O complexo de Édipo na menina.....                             | 19          |
| <br>  |             |
| <b>Capítulo II – O complexo de Édipo em Lacan.....</b>                        | <b>21</b>   |
| Capítulo 2.1 Alguns conceitos do ensino de Lacan.....                         | 22          |
| Capítulo 2.2 Os três tempos do Édipo.....                                     | 26          |
| <br>  |             |
| <b>Conclusão.....</b>   | <b>30</b>   |
| <br>  |             |
| <b>Referências bibliográficas.....</b>  | <b>31</b>   |

## Introdução

Este é um trabalho de conclusão de curso, modalidade monografia, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em pedagogia, da Escola de Educação, do Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

É um dos produtos das pesquisas desenvolvidas por seu autor, como bolsista de Iniciação Científica da UNIRIO e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, instituições que apoiaram a execução do trabalho, durante o período de 2007 a 2010, por meio do subprojeto de pesquisa vinculado ao projeto “*O que pode a psicanálise oferecer à educação*” da Prof. Dra. Rita Maria Manso de Barros.

Seu título *A estrutura do complexo de Édipo em Freud e Lacan*, deixa claro a temática desta monografia: o conceito psicanalítico de *complexo de Édipo*. Foi no ano de 1910 que Freud, seu criador, empregou pela primeira vez o termo complexo de Édipo, em alemão *Ödipuskomplex*, num artigo intitulado *Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens - Contribuições à psicologia do Amor I*<sup>1</sup>. Embora Freud já tivesse feito em alguns textos antes, sobretudo em cartas e comunicações (FREUD, 1897/ 1996, 1900/1996), referências ao mito de Édipo e a tragédia grega *Édipo Rei*, relacionando-os consigo mesmo e com a teoria psicanalítica, o termo não tinha ainda status de conceito em sua obra.

Qual é justificativa para um educador estudar o complexo de Édipo ou porque esse tema seria relevante para a pedagogia a ponto de constituir tema de uma monografia de conclusão de curso de graduação? Embora o mito tenha sido escrito há milhares de anos por Sófocles ( nascimento em 497 ou 496 a.C.- e morte no inverno de 406 ou 405 a.C), um dos

---

<sup>1</sup> FREUD, Sigmund. Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens - Contribuições à psicologia do amor. *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XI Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 177.

mais importantes autores de tragédias da história grega, e Freud o tenha apresentado explicitamente como conceito psicanalítico há 100 anos, o complexo de Édipo permanece útil em nossos dias como forma de se pensar a constituição das subjetividades e a entrada da criança na civilização ou cultura: o maior processo educativo pelo qual alguém pode passar.

Pretendemos neste trabalho procurar evidenciar a validade do Édipo em nossos dias, especialmente em sua função nodal, tal como propõem Lacan. Desse modo, o complexo de Édipo não corresponde unicamente à história pessoal de Freud, a um romance burguês próprio da Era Vitoriana ou a uma teoria das neuroses baseada na sexualidade.

Para Freud os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo. No Édipo se inscreve o lugar de um impossível no outro, bem como o encontro impossível com o objeto. O complexo de Édipo é uma máquina de cultura, da qual se sai dela sujeito, civilizado e sexuado: certamente tema de grande interesse para a educação.

Neste trabalho, no entanto, abordaremos a estrutura do complexo de Édipo, de acordo com o que foi desenvolvido por Sigmund Freud, criador da psicanálise e por Jacques Lacan, importante psicanalista francês que promoveu uma releitura de Freud e que acrescentou novos conceitos e maneiras de encarar a psicanálise, renovando-a. Nesse sentido, a orientação seguida para a realização desta monografia foi a da leitura de Freud com Lacan.

No primeiro capítulo *Considerações preliminares sobre o complexo de Édipo* iremos abordar a conceitualização dos termos complexo e complexo de Édipo, o mito e a tragédia escrita por Sófocles e algumas problematizações a respeito da temática edípica.

No segundo capítulo, trataremos do conceito de complexo de Édipo na teoria freudiana. Nele, pretendemos tratar das origens desse conceito e como Freud o descreveu ao longo de seu percurso teórico e clínico, trançando as diferenciações entre o Édipo nos

meninos e nas meninas até chegar ao impasse final que sua teorização culminou: questão anatômica e suas conseqüências psíquicas.

No terceiro e último capítulo *O complexo de Édipo em Lacan*, abordaremos a leitura que Lacan faz do Édipo e suas principais contribuições relacionadas a esse conceito: a extração da lógica estrutural presente no texto freudiano e a resolução do impasse relativo à anatomia durante a travessia do Édipo. É Lacan também quem vai dar ao Édipo uma teorização mais amarrada no que diz respeito à estruturação psíquica, ao posicionamento e a escolha de objeto sexual.

## 1 – Considerações preliminares sobre o complexo de Édipo

Sigmund Freud (6 de maio de 1856, República Tcheca, — 23 de setembro de 1939 Inglaterra) foi o criador da psicanálise. Freud era judeu, filho mais velho do terceiro casamento de Jakob Freud, negociante de tecidos vinte anos mais velho que sua mãe, Amália Nathanson.

Criado em uma família humilde, mudou-se para Viena ainda criança e desde muito jovem demonstrava seus talentos acadêmicos, aprendendo vários idiomas e obtendo destaque na escola. Sua obra foi traduzida em cerca de 30 línguas, é composta de 24 livros (dos quais dois em colaboração, um com Josef Breuer e outro com William Bullit) e de 123 artigos. Além de outros trabalhos, como verbetes, comunicações, prefácios e cartas. No outono de 1873, aos 17 anos, Freud inicia seus estudos em medicina. Depois de formado ficou noivo, em 1882, de Martha Bernays, que se tornaria sua mulher em 1886 e mãe de seus filhos, incluindo Anna Freud que além de pedagoga se tornaria psicanalista e responsável pela organização de suas obras completas.

Devido às dificuldades financeiras como pesquisador, Freud iniciou a carreira como médico clínico, trabalhando no Hospital Geral de Viena. No ano de 1885 obteve uma bolsa de estudos para estudar e trabalhar em Paris. Na França, foi aluno e obteve experiência com Jean-Martin Charcot, (Paris, 1825 — Morvan, 1893)<sup>2</sup>. Essa experiência com Charcot foi decisiva para sua vida e para a criação da psicanálise, pois foi com Charcot que Freud aprendeu que o sofrimento psíquico não possuía necessariamente a origem localizada no

---

<sup>2</sup> “Jean-Martin Charcot (Paris, 1825 — Morvan, 1893) foi um médico e cientista francês; alcançou fama no terreno da psiquiatria na segunda metade do século XIX. Foi um dos maiores clínicos e professores de medicina da França e, juntamente com Guillaume Duchenne, o fundador da moderna neurologia. Suas maiores contribuições para o conhecimento das doenças do cérebro foram o estudo da afasia e a descoberta do aneurisma cerebral e das causas de hemorragia cerebral. Durante as suas investigações, Charcot concluiu que a hipnose era um método que permitia tratar diversas perturbações psíquicas, em especial a histeria. Charcot é tão famoso quanto seus alunos: Sigmund Freud, Joseph Babinski, Pierre Janet, Albert Londe e Alfred Binet. A Síndrome de Tourette, por exemplo, foi batizada por Charcot em homenagem a um de seus alunos, Georges Gilles de la Tourette.”. Fonte: Wikipedia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Martin\\_Charcot](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Martin_Charcot)>. Acessado em 15.10.2010.

corpo, podendo a mente ser responsável por sintomas de toda sorte, tal como era demonstrado pelas queixas histéricas.

Freud descobriu, então, com Charcot, que os sintomas histéricos podiam ser removidos ou criados utilizando a hipnose, algo que não era visto com bons olhos pela comunidade médica e nem pela sociedade da época. Naquele tempo, a histeria colocava-se como um enigma para a medicina e para a ciência, deixando-as encabuladas. Havia os que simplesmente negavam sua existência e os que buscavam localizar no corpo a origem do sofrimento histérico, embora os exames clínicos não elucidassem as razões pelas quais os pacientes experimentavam paralisias, cegueiras, dores e muitos outros sintomas que eram motivo de queixa de enfermos e de seus familiares.

Freud, como um dos poucos médicos verdadeiramente interessados, especializou-se no tratamento da histeria, inicialmente utilizando os métodos terapêuticos mais aceitos na época: massagens, hidroterapia e eletroterapia (FREUD, 1922/2006, p. 253). Constatando que esses métodos não surtiam efeito, e que apenas apaziguavam temporariamente o sofrimento, produzindo um certo alívio temporário, começou a utilizar a técnica da sugestão hipnótica que consistia em sugestionar os pacientes, por meio da hipnose, com o objetivo de aliviar, de maneira mais duradoura, seus sintomas.

Anos mais tarde, Freud estreitou seus laços com um respeitado médico fisiologista da época, o Dr. Josef Breuer (Viena, 15 de janeiro de 1842 — Viena, 20 de dezembro de 1925), com quem trabalhando em parceria substituiu o tratamento hipnótico, que apresentava muitas dificuldades pois nem todos os pacientes podiam ser facilmente hipnotizados, além de a hipnose apenas remover temporariamente os sintomas, apesar de seus efeitos durarem mais do que os dos outros tratamentos mais utilizados na época, pelo método catártico (FREUD, 1922/2006, p. 253-254). Acreditava-se com o método catártico que a origem da histeria

estaria num afeto que precisaria ser externalizado ou descarregado, já que fazia adoecer, pois teve que ser suprimido por algum forte motivo numa ocasião passada.

Nessa época, tanto Freud como Breuer atribuíam que os sintomas histéricos possuíam um significado e que a descoberta desse significado desconhecido pelo paciente era acompanhado da remoção dos sintomas de maneira definitiva. Cabia ao médico, portanto, contribuir para que os pacientes descobrissem as causas de seus sofrimentos para que os sintomas fossem eliminados permanentemente (*ibid.*)

Contudo, a parceria entre Breuer e Freud logo se desfez, pois o primeiro acreditava que as idéias patogênicas produziam seu efeito traumático porque surgiam durante certos estados considerados por ele como hipnóides. Já Freud sustentava que uma idéia seria patogênica se seu conteúdo estivesse em oposição direta com a tendência predominante da vida mental do sujeito, de maneira que ele tivesse que se defender dela. (FREUD, 1922/2006, p. 254-255) Freud afirmava que, vias de regra, essas idéias possuíam um caráter eminentemente sexual, conforme o material clínico colhido por ele ao longo das sessões revelava.

Ao abandonar a hipnose e o método catártico, e divergindo de Breuer em relação à origem da histeria, Freud criou a psicanálise a partir de sua clínica: pedia que os pacientes falassem livremente o que lhes viesse à cabeça, mesmo que a lembrança ou pensamento fosse vergonhoso ou que o paciente o considerasse sem importância. (FREUD, 1922/2006, p. 255). Assim cria o método de associação livre.

Não demorou muito para que Freud começasse a escutar histórias terríveis, sobretudo por parte das mulheres. Elas afirmavam, por meio da associação livre, que teriam sido abusadas sexualmente por seus pais e tios. Freud então criou uma teoria afirmando que as

reminiscências desses abusos, ou de qualquer atividade sexual precoce, seriam a origem mais profunda do sofrimento neurótico. Essa teoria ficou conhecida como teoria da sedução. Com o avançar do tempo, de sua prática clínica, elaborações e perplexo com a quantidade de abusos e de atividades sexuais precoces relatadas, Freud abandonou a idéia de que todos os seus pacientes haviam passado por essas experiências na infância, dando lugar à teoria da fantasia compreendendo que tais relatos eram, sobretudo, fantasias neuróticas produtos do inconsciente, embora certamente alguns fossem verídicos.

A criação da psicanálise por Freud coincidiu com inúmeros fatores de sua vida profissional e pessoal e, principalmente, pelas influências de Charcot, Breuer, de seus pacientes, de sua vasta cultura, pelas suas próprias neuroses e disposição para refletir e pesquisar sua própria história e vida.

Pouco depois da morte de seu pai, ocorrida em 1896, Freud empreendeu sua “própria psicanálise”, durante um período que se situa aproximadamente entre 1896 e 1899, conforme relatado a Wilhelm Fliess<sup>3</sup> (24 de outubro de 1858 — 13 de outubro de 1928). Fliess era um médico alemão, formado em Berlim, especialista em cirurgia e otorrinolaringologia. Foi um personagem importante da pré-história da psicanálise devido a sua profunda amizade com Freud. Sua “auto-análise” – como ele a qualifica em suas cartas, fundamentava-se essencialmente na análise de seus próprios sonhos que o levaram a perceber não apenas o papel do mundo onírico na vida psíquica como também a importância que teve a sexualidade em sua própria infância. Desse modo, Freud revela ao seu amigo ter encontrado nele mesmo sentimentos apaixonados em relação à mãe e um certo ódio pelo pai, comparando isso ao mito grego de Édipo fundamental para a sistematização teórica do aparelho psíquico, tema desta monografia.

---

<sup>3</sup> A “auto-análise” de Freud só foi possível, justamente, pelas cartas carregadas de afeto que ele produzia em grande volume ao seu amigo. Pode-se dizer, com todo cuidado, que, de certa forma, foi a figura de Fliess que sustentou a análise de Freud, pela transferência.

O mito de Édipo ( em grego Οἰδίπους transliteração de *Oidipous*) foi imortalizado pelo dramaturgo grego Sófocles, em seu trabalho *Édipo Rei*, escrito por volta de 427 a. C. e continuado nas obras *Édipo em Colono* e *Antígona*, constituindo a trilogia tebana. Embora tenha sido Sófocles quem produziu a tragédia escrita, o mito era de conhecimento geral na Grécia antiga, sendo transmitido oralmente – por isso há inúmeras versões com pequenas alterações entre elas. Roudinesco e Plon afirmam que:

mais do que qualquer outro no Ocidente, o mito de Édipo confundiu-se, de início, com a tragédia de Sófocles, que transforma a vida do rei de Tebas num paradigma do destino humano (*o fatum*), e depois, com o complexo inventado por Freud, que relaciona o destino com uma determinação psíquica vinda do inconsciente (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 167).

A história de Édipo tem seu início na cidade-estado grega de Tebas. Seu rei, Laio, havia sido avisado pelo Oráculo de Delfos que sua vida e trono corriam perigo caso seu filho recém-nascido crescesse. Laio então entregou o menino a um criado com ordem de que fosse morto ao ser abandonado no monte Citéron. O criado, contudo, com piedade e ao mesmo tempo não desejando inteiramente desobedecer à ordem do rei pregou a criança pelos pés, deixando-a pendurada no galho de uma árvore (daí o significado de seu nome “amarrado pelos pés” ou “pés furados” ou ainda “pés distendidos”). Édipo foi encontrado por um pastor de ovelhas que o levou aos seus senhores, o casal real de da cidade-estado de Corinto, Pólipo e Mérope, que não possuíam descendentes. Esses resolveram adotar a criança, criando-o como príncipe herdeiro.

Édipo cresceu ouvindo rumores de que não seria filho de Pólipo e nem de Merope, o que o leva a consultar o Oráculo de Delfos, do deus Apolo. O Oráculo diz para ele que no futuro seria assassino de seu próprio pai e que se casaria com sua mãe. Com o intuito de

escapar dessa previsão Édipo viaja, fugindo de Corinto e abandonando quem ele acreditava ser seus verdadeiros pais.

Quando Laio se dirigia para Delfos, acompanhado apenas de um servo, encontrou-se na seguinte situação: estava em uma estrada muito estreita, quando na direção oposta veio um jovem que também conduzia seu carro. Como este se recusava a obedecer à ordem de afastar-se para dar passagem ao rei, o servo matou um de seus cavalos, e o estranho, furioso, matou Laio e seu servo. Desse modo, involuntariamente, Édipo cumpriu a primeira profecia do Oráculo, tornando-se assassino de seu próprio pai, enquanto procurava escapar do destino que a ele havia sido dado pelo Oráculo.

Pouco depois do ocorrido, a cidade de Tebas foi assolada por um monstro, a Esfinge, que aterrorizava as estradas e que trazia muitas pragas e desgraças para a cidade. A Esfinge possuía a parte inferior do corpo com forma de leão e a parte superior em forma de mulher e, agachada no alto de um rochedo, detinha todos os viajantes que passavam pelo caminho propondo-lhes um enigma a ser decifrado, como condição para que sua passagem pudesse ser segura. Caso contrário, os que não conseguissem encontrar a solução eram mortos pela criatura. Até aquele momento, ninguém conseguira decifrar o enigma e todos que o tentaram haviam perdido a vida. Édipo, não se intimidando pelas assustadoras narrativas, aceitou ousadamente o desafio.

A Esfinge então lhe perguntou:

- Qual é o animal que de manhã anda com quatro pés, à tarde com dois e à noite com três?

- É o homem, que engatinha na infância, anda ereto na juventude e com ajuda de um bastão na velhice – respondeu Édipo.

A Esfinge ficou tão humilhada ao ver resolvido seu enigma, que se atirou do alto do rochedo e morreu.

A gratidão do povo de Tebas pela sua liberação foi tão grande que fez de Édipo seu rei. Creonte, o regente de Tebas, deu-lhe a rainha Jocasta, sua irmã, em casamento. Não conhecendo seus verdadeiros progenitores, Édipo já se tornara assassino do próprio pai e, cansando-se com a rainha Jocasta, tornou-se marido da própria mãe, com quem terá quatro filhos e irmãs.

Esses horrores ficaram desconhecidos, até que Tebas foi afligida pela peste e, sendo consultado novamente, o Oráculo declara que esses flagelos só seriam removidos quando o assassino do rei Laio fosse expulso da cidade. Édipo então ordena uma procura pelo assassino do antigo rei e Tirésias, o adivinho cego e único que sabia a verdade, cala-se.

Até que chega a Tebas, por meio de um mensageiro, a informação, de que o rei Pólipo havia morrido. O mensageiro conta a Édipo que ele mesmo o havia recolhido e dado ao casal real de Corinto como herdeiro.

Desse modo, revelou-se o duplo crime de Édipo. Jocasta pôs fim à própria vida, enforcando-se, e Édipo, tendo sido tomado pela loucura, fura os olhos e foge de Tebas. O mito termina com Édipo temido e abandonado por todos, exceto pelas filhas que fielmente o seguiram, até que, depois de dolorosa peregrinação, ele se liberta de sua desgraçada vida. Foi nesse mito e na tragédia de Sófocles que Freud se inspirou para criar o conceito psicanalítico de complexo de Édipo.

A seguir, trataremos da definição do conceito de *complexo* e do termo *complexo de Édipo*, conforme é apresentado na literatura psicanalítica e da história da psicanálise. Criado pelo psiquiatra alemão Theodor Ziehen (1862-1950) (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 123) o termo *complexo*, com o tempo, popularizou-se e passou a designar fenômenos nomeados pelo senso comum e pelo vocabulário pseudopsicológico, como, por exemplo, complexo de inferioridade, ou como adjetivo para qualificar alguém como “complexado”.

Num contexto psicológico, o termo complexo foi utilizado, sobretudo, por Carl Gustav Jung (Kesswil, 26 de julho de 1875 — Küsnacht, 6 de junho de 1961) psiquiatra suíço fundador da psicologia analítica, para “designar fragmentos soltos de personalidade ou grupos de conteúdos psíquicos separados do consciente e que têm um funcionamento autônomo no inconsciente, de onde podem exercer influência” (*ibid*). Freud irá aproveitar essa noção para desenvolver os conceitos de complexo de Édipo e o de complexo de castração.

O dicionário Aurélio da língua portuguesa apresenta a seguinte definição para o verbete *complexo*:

Complexo: 1. Que abrange ou encerra muitos elementos ou partes. 2. Observável sob diferentes aspectos. 3. Confuso, complicado, intricado. 4. Grupo de conjunto de coisas, fatos ou circunstâncias que têm qualquer ligação ou nexos entre si. Grupo de idéias interrelacionadas que têm um denominador emocional comum o qual influencia, significativamente, as atitudes e comportamentos de um indivíduo (FERREIRA, 2000, p. 168).

Laplanche e Pontalis, primeiros autores de um dicionário de psicanálise, definem o termo *complexo* como:

Conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconsciente. Um complexo constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil; pode estruturar todos os níveis psicológicos: emoções, atitudes, comportamentos adaptados (LAPLANCHE;PONTALIS, 2001, p. 70).

Notamos que essas definições para o termo *complexo* nos são úteis para abordar o nosso objeto de estudo, pois explicitam que tal termo refere-se a algo dinâmico, marcado pelo movimento, pela multiplicidade de fatores ou elementos, pelas relações que se estabelecem entre esses fatores e pelo seu caráter inconsciente.

O termo inconsciente já era utilizado pela filósofa, sobretudo, antes de ocupar o lugar central da teoria psicanalítica e de ser popularizado por Freud. Na teoria freudiana, *inconsciente* utilizado como adjetivo designa os processos mentais que não são matéria de atenção da consciência em um determinado momento. Já como substantivo, *das Unbewusste*, possui o sentido de designar um dos sistemas psíquicos que Freud descreveu em sua primeira teoria da estruturação psíquica (o modelo topográfico): o consciente (Cs), o pré-consciente (Pcs) e o inconsciente (Ics). Nesse sentido, o inconsciente não é simplesmente o que está fora do campo da consciência em um determinado momento, mas o que está fora radicalmente separado dela pelo recalque e que não pode emergir sem sofrer distorções.

Na segunda tópica, o psiquismo é dividido por Freud em três instâncias psíquicas: isso, eu e supereu (id, ego e superego), estando elas submersas, quase que totalmente, no inconsciente.

Tais elaborações freudianas são revisitadas por Lacan que propõem o inconsciente estruturado como linguagem. Dessa proposição, pode-se extrair muitas conseqüências e inúmeras outras proposições, como, por exemplo, que o inconsciente “é o discurso do outro” e que possui eminentemente como qualidade a exterioridade. Neste trabalho, adotamos a noção lacaniana de inconsciente, especialmente pelo seu caráter freudiano. Nos tem sido muito útil à definição de inconsciente como “cadeia de significantes que repete e insiste para interferir” (TOLIPAN, 1992, p. 24). Trataremos do inconsciente em Lacan mais adiante.

Já o termo complexo de Édipo, tema desta monografia, é definido da seguinte maneira:

O Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei; desejo de morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na

chamada forma completa do complexo de Édipo (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, 77).

Além dessa definição, propomos outra: “O termo complexo de Édipo designa a rede de desejos e de movimentos hostis cujos objetos são pai e mãe, e de defesas que se lhes opõem. Ele é, segundo Freud, o complexo nuclear das neuroses, trata-se, além disso, da estrutura central do funcionamento psíquico” (PERRON, 2005, p. 371). Muitos autores empregam o termo Édipo ao invés de complexo de Édipo. Ambos querem dizer a mesma coisa. Nesse sentido, Roudinesco e Plon afirmam que:

Na história da psicanálise, a palavra Édipo acabou substituindo a expressão complexo de Édipo. O Édipo designa, ao mesmo tempo, o complexo definido por Freud e o mito fundador sobre o qual repousa a doutrina psicanalítica como elucidação das relações do ser humano com suas origens e sua genealogia familiar e histórica (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 166).

Desde a sua criação, o conceito de complexo de Édipo foi alvo de inúmeras leituras, interpretações e críticas, tanto de psicanalistas como também de filósofos, antropólogos e educadores, bem como de outros.

Melanie Klein (Viena, 30 de março de 1882 — Londres, 22 de setembro de 1960) da Escola Inglesa<sup>4</sup>, por exemplo, revisou inteiramente a doutrina edipiana de Viena, interessando-se pelas relações pré-edipianas, anteriores ao complexo de Édipo. Questionando em Freud “a idéia de um corte entre um antes não edipiano (a mãe) e um depois edipiano (o pai)” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 168.), a psicanalista “substituiu a organização estrutural por uma continuidade sempre atuante: o mundo angustiante da simbiose, das

---

<sup>4</sup> A Escola Inglesa, de forma simplificada, é a escola de psicanálise que se desenvolveu na Inglaterra em torno da sociedade de psicanálise britânica, filiada a International Psychoanalytical Association (IPA). Dentre os seus membros mais tradicionais e importantes estão Melanie Klein e Donald Winnicott (1896 - 1971), pediatra e psicanalista inglês.

imagens introjetadas e das relações de objeto. Em síntese, um mundo arcaico e sem limites, no qual a lei (paterna) não intervém (*ibid*).

Já na psicologia do *Self* ou *Ego Psychology*<sup>5</sup> a problemática edípiana foi parcialmente deixada de lado, dando lugar privilegiado ao conceito freudiano de narcisismo e suas questões relacionadas. Segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 168), na década de 1960, numerosos comentadores de psicanálise assinalaram que o mito de Narciso estava prestes a substituir o mito de Édipo, entre os psicanalistas freudianos americanos, desconsiderando o próprio Freud que o definiu como pedra angular da psicanálise, constituindo o núcleo de todas as neuroses (FREUD, 1922/2006, p. 264 ) e origem das escolhas objetais.

No ano de 1972, Gilles Deleuze (Paris, 18 de Janeiro de 1925 — Paris, 4 de Novembro de 1995) e Félix Guattari (Villeneuve-les-Sablons, Oise, 30 de Abril de 1930 — Cour-Cheverny, 29 de Agosto de 1992) lançaram o livro *O anti-Édipo*, outra ocasião em que o complexo de Édipo foi profundamente problematizado. Nesse trabalho, os autores “criticaram o edipianismo freudiano, que, a seu ver, reduzia a libido plural da loucura (e da esquizofrenia) a um fechamento familiarista de tipo burguês e patriarcal” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 169).

A seguir, trataremos da biografia de Lacan, autor que orienta nossa leitura de Freud a respeito de nosso objeto de estudo.

Jacques-Marie Émile Lacan (Paris, 13 de abril de 1901 — Paris, 9 de setembro de 1981) foi um psicanalista francês. Segundo a historiadora e psicanalista Elizabeth Roudinesco (1998), Lacan “foi o único a dar a obra freudiana uma estrutura filosófica e a tirá-la de seu ancoramento biológico, sem com isso cair no espiritualismo”.

---

<sup>5</sup> Corrente teórico-clínica, sobretudo norte-americana, de inspiração psicanalítica. Teve como uma de suas precursoras a filha de Freud, a pedagoga e psicanalista Anna Freud (Viena, Áustria, 3 de dezembro de 1895 — Londres, 9 de outubro de 1982).

O psicanalista cresceu numa família da média burguesia católica e conservadora. Lacan obteve sua educação em instituições católicas. Ainda jovem tornou-se admirador e leitor de filosofia e da literatura, período que coincide com seu rompimento com a Igreja Católica. Formou-se em medicina, especializando-se em psiquiatria e pouco tempo depois, em 1932, iniciou sua análise didática<sup>6</sup>. No final daquele ano publicou o caso Aimée, sua tese de doutorado a respeito de um caso de paranóia<sup>7</sup>, ocasião que começou a adquirir notoriedade. No ano de 1934 casou-se com Marie-Louise Blondin (1906-1983) e foi apenas no ano de 1938 que Lacan foi aceito como membro pela Sociedade Psicanalítica de Paris.

No ano de 1940 a esposa de Lacan, grávida, pediu o divórcio após ele ter comunicado a ela que outra mulher, Sylvia Bataille (1908-1993) – com quem Lacan se casaria em 1946 –, também estava grávida dele. Dessa gravidez nasceu Judith Miller (1941-), que viria a ser psicanalista e é a atual presidente da Fundação do Campo Freudiano. Foi no início do ano de 1941 que Lacan instalou-se na rue Lille nº 5, local onde ele atenderia até a sua morte. No ano de 1953, Lacan sai da Sociedade Psicanalítica de Paris e filia-se a recém criada Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), participando do movimento de questionamento da psicanálise ortodoxa.

Foi no primeiro congresso da SFP, em 1953, que Lacan proferiu o famoso “Discurso de Roma”<sup>8</sup>. Nessa comunicação, Lacan expôs os principais elementos que viriam a sustentar toda sua teorização e pensamento, elementos esses provenientes da lingüística estrutural, da

---

<sup>6</sup> A análise didática é um dispositivo da formação do psicanalista preconizado pela International Psychoanalytical Association (IPA). Nesse dispositivo, um candidato à analista é analisado por um psicanalista didata durante um período de tempo e com uma frequência determinada. Após o período de estudos e de análise didática, o candidato escreve e apresenta um caso clínico e então ele poderá obter o título de psicanalista e tornar-se membro de uma sociedade psicanalítica da IPA. Lacan mais tarde rompeu com essa tradição, afirmando que o analista só se autoriza por si mesmo e por alguns outros mais e que toda análise é didática.

<sup>7</sup> LACAN, Jacques. (1932) Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

<sup>8</sup> LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238.

filosofia e das ciências. Dentre eles, podemos citar o uso particular do termo significante. Lacan se opõe a tradicional prevalência que a lingüística estabelece ao significado em relação ao significante. Para ele, no inconsciente, o significado é dado pela relação de um significante com outro significante.

Em 1951, Lacan dá início aos seus ensinamentos orais que culminariam, em 1953, na criação do Seminário, aulas que ele proferiu sistematicamente com temáticas anuais até o final de sua vida. Devido a divergências com a IPA, da qual foi expulso por se afastar da ortodoxia e autoritarismo da instituição, principalmente por questões técnicas relacionadas à duração das sessões, ele funda em 1964 a Escola Freudiana de Paris e seu Seminário é deslocado do Hospital Saint-Anne para a École Normale Supérieure.

## 2 – O complexo de Édipo em Freud

Como tratado na anteriormente, a auto-análise de Freud, a invenção da psicanálise e a criação do conceito de complexo de Édipo são contemporâneas e convergem para o mesmo ponto: a descoberta da sexualidade infantil e de sua fundamental importância.

A descoberta da sexualidade infantil abre as possibilidades para que Freud pense o Édipo de forma mais robusta. Nesse sentido, é de grande importância, para ele, a percepção, entre as crianças, da diferença sexual. Diferença essa que instala o complexo de castração que corresponde à saída do Édipo nos meninos e à entrada nas meninas.

Freud (1908/1996) descreveu o complexo de castração afirmando que ao se deparar com a diferença anatômica entre os sexos a criança, em sua teorização infantil, nega o fato biológico, determinado geneticamente, de que homens e mulheres possuem órgãos sexuais distintos. Para ele (*idem*), baseado na análise do pequeno Hans (FREUD, 1909/1996), o menino, destituído de sua crença de que todos possuem um pênis, formula a hipótese de que as mulheres foram castradas e por isso não possuem as mesmas características genitais que ele. Aí, precisamente, está instalado o complexo de castração, na substituição da hipótese de que *todos possuem um pênis* pela de que *as mulheres foram castradas*.

Segundo Freud (1925/1996), o desenrolar do complexo de castração para meninos e meninas se dá de maneira diferente. Mediante a relação de amor que o menino estabelece com a mãe, ele passa a temer que seu próprio pênis seja cortado pelo pai, o que Freud chamou de angústia de castração (FREUD, 1908/1996) enquanto a menina se vê como se já tivesse sido castrada. Em sua fantasia, ela se percebe como tendo sido privada do órgão tão precioso pela

mãe e tenta compensar tal perda buscando o amor e um filho do pai. Freud chama essa trama feminina de inveja do pênis, *penisneid* em alemão (FREUD,1908/1996 ).

Verifica-se na teoria freudiana (1923/2006) que o complexo de castração afeta tanto os homens como as mulheres, sendo criado no momento da fase fálica do desenvolvimento psicosexual em que suas pulsões parciais são unificadas dando primazia aos órgãos sexuais, algo que tomará sua proporção plena na puberdade. Para Freud, nos meninos, o complexo de castração corresponde à saída do complexo de Édipo. Nesse momento, devido ao medo de punição do pai por meio da castração, o menino renuncia ao amor erótico nutrido pela mãe, entrando no período de latência. Segundo ele, o mesmo papel é desempenhado pelo pai tanto no complexo de Édipo quanto no complexo de castração, ou seja, o papel de um inimigo temível dos interesses sexuais da infância.

Por fim, Freud encara a castração como um fenômeno universal, como um rechaço à feminilidade e também como o último limite em que o tratamento analítico pode chegar. (FREUD, 1937/2006 ).

### **1.1 - O complexo de Édipo no menino**

Freud descreve o complexo de Édipo no menino relacionando-o ao desenvolvimento psicosexual. O desenvolvimento psicosexual é, em Freud (1905), a evolução progressiva da sexualidade infantil. Compreende a passagem de fases (oral, anal e fálico) que organizam o psiquismo, tomando em consideração, simultaneamente, uma zona erógena predominante que também organiza as fantasias e um certo tipo de relação de objeto. Por volta de três ou

quatro anos, o menino já passou pela fase oral e pela fase anal<sup>9</sup> e o pênis, para ele, constituiu-se, em geral, como fonte predominante de prazer pela atividade masturbatória e também como objeto imaginário e insígnia simbólica de grande importância.

Contudo, antes de apresentarmos o percurso delineado por Freud em relação ao complexo de Édipo nos meninos, vamos abordar sua pré-história.

Segunda a teoria freudiana (1925/1996), a pré-história do Édipo nos meninos é caracterizada por uma identificação afetuosa do menino para com o pai e pela atividade masturbatória dos órgãos genitais, “cuja supressão mais ou menos violenta da parte daqueles que estão encarregados da criança põem em ação o complexo de castração” (FREUD, 1925/1996, p. 279), que é o medo do menino ser punido pelo pai devido aos seus desejos pela mãe, por meio da perda do pênis, já tratado anteriormente.

Ao ser instalado o complexo de castração, o menino entra em angústia e vê-se obrigado a se separar da mãe. É nessa crise que culmina o complexo de Édipo no menino. Como produto dele temos a formação do supereu e a entrada no período de latência, em que as pulsões sexuais geralmente são parcialmente desviadas para outras atividades com menor conotação erótica. É a partir do Édipo que o menino fará sua escolha de objeto sexual: identificando-se com a mãe ou com o pai.

## 1. 2 - O complexo de Édipo na menina

Inicialmente, Freud pensava na existência de uma simetria completa entre o Édipo nos meninos e nas meninas e que, do mesmo modo que o menino se apaixonava pela mãe e nutria ódio pelo pai, a menina se apaixonaria pelo pai, odiando a mãe. No entanto, posteriormente,

---

<sup>9</sup> As fases descritas por Freud são “cumulativas”. Não se ultrapassa completamente uma fase, assim como não se fixa totalmente em outra. Essa separação é feita para fins da clareza da transmissão.

Freud chegou à conclusão de que o Édipo nas meninas apresenta-se como algo mais complexo do que nos meninos e que não havia tal simetria, como pensado anteriormente (1925/1996). Nas meninas, o percurso do Édipo exigia idas e vindas e mais deslocamentos do que o do menino – tanto no âmbito anatômico como, principalmente, no psiquismo.

O complexo de castração, para elas, marca a entrada no complexo de Édipo. A menina, ao se deparar com a diferença sexual, ressent-se pelo menino possuir um órgão sexual maior do que o dela. Ao contrário dos meninos, as meninas, em geral, não nutrem a fantasia de que seu clitóris crescerá com o tempo. Nesse momento, elas sentem o *penisneid*, ou inveja do pênis, com grande ressentimento da privação do precioso órgão para elas. As meninas acreditam que a responsabilidade por tal mutilação deve ser atribuída à mãe que passa a ser alvo da hostilidade da filha.

Nesse momento, segundo Freud (1925/1996), a menina dirige-se ao pai como objeto de amor e passa a desejar dele um filho como substituto do falô. Mais uma vez, ao contrário do menino, o complexo de Édipo na menina não encontra seu fim numa crise, mas permanece e ela deverá encontrar uma saída para lidar com a inveja do pênis que Freud enumera em seu artigo *Feminilidade* (1932/1996).

Tais deslocamentos de objeto também coincidiriam de acordo com Freud com a passagem da atividade pela masturbação do clitóris para a obtenção do prazer por meio da vagina. (1932/1996). Segundo ele, a via para feminilidade seria o desejo de ter filhos ocupando o lugar de mãe.

## 2 - O complexo de Édipo em Lacan

Nesse momento iremos traçar algumas considerações iniciais a respeito do corpo teórico da psicanálise introduzida por Lacan a partir de Freud.

O ensino de Lacan foi realizado durante muitos anos, primeiramente de maneira bem inicial enquanto ainda estava filiado a IPA como membro da Sociedade Psicanalítica de Paris. Depois, fazendo parte da Sociedade Francesa de Psicanálise e principalmente após fundar a Escola Freudiana de Paris. Sua maneira de ensinar era principalmente oral, por meio dos seus seminários anuais, análises que conduzia e supervisões que dava. Lacan não publicava muito e nem relatava dados de sua clínica. Seus principais trabalhos escritos podem ser encontrados nas coletâneas *Escritos* e em *Outros Escritos*, além de sua tese de doutorado que foi publicada.

Seu principal intuito no que ele chamou de retorno a Freud, era restabelecer a lâmina cortante da psicanálise e a radicalidade e especificidade do discurso analítico que havia se desviado para uma vereda biologizante e sufocada pelo excesso de formalismos e de rituais relacionados à formação dos analistas e à condução das psicanálises, rigorosamente presas a padrões técnicos e a normas pré-estabelecidas. Nesse sentido, a psicanálise se encontrava numa posição totalmente oposta ao que fora criado por Freud, como algo cuja essência era o ineditismo, a surpresa, o singular e uma ética e lógica próprias – a ética e a lógica da psicanálise.

Nesse sentido, a psicanálise estava no caminho para ser absorvida pela medicina e pela recém criada psicologia, tornando-se uma psicoterapia comprometida com a adaptação, a regulação, a normatização e com a identificação, no término da análise, do paciente com a figura do analista sem o comprometimento com a verdade do sujeito.

## 2.1 – Alguns conceitos do ensino de Lacan

O ensino de Lacan é marcado por idas e vindas e pela elaboração conceitual constante. Seu estilo é eminentemente ambíguo, denso e carregado de inúmeras referências a outros autores tanto da psicanálise, como da filosofia, da literatura, da matemática e das ciências. Lacan fazia isso de propósito, sendo coerente com o que propunha transmitir.

Para evitar uma fuga demasiada do rigor teórico e clínico, próprios da ética da psicanálise, Lacan propõem o matema como instrumento de sua transmissão, visto que a experiência da psicanálise propriamente dita não é algo que possa ser ensinado, mas apenas transmitido. Os matemas são recursos gráficos de inspiração na matemática que visam transmitir com precisão a lógica da psicanálise e os diversos pontos de suas teorizações, de forma que qualquer interessado, em qualquer lugar do mundo e independente de seu idioma, possa entender do que se trata.

Nesse sentido, Lacan propõem uma outra tópica calcada nos três registros desenvolvidos por ele: Real, Simbólico e Imaginário. “O modo de relação entre eles [Real, Simbólico e Imaginário) seria como de um nó, o nó chamado borromeano. O que quer dizer isso? Que eles se superpõem de tal maneira amarrados que ao se romper um laço os demais se desamarram – essa é a sua característica fundamental” (TOLIPAN, 1992, p. 12). Tolipan continua: “O nó borromeano é a escrita dos três registros” (*ibid*). A autora afirma que “o real é a dimensão do que ex-siste, do que tem uma existência fora do universo simbólico, fora do campo da linguagem. O real é que dá ao simbólico sua inconsistência, sua incompletude” (TOLIPAN, 1992, p. 11). E complementa: “Real e simbólico são da ordem da causa. Causa dos fenômenos que Freud chamava de psíquicos. Causa do sujeito e do desejo. Já o imaginário, como terceiro laço, que vem de alguma maneira amarrar os demais, encontra-se no lugar dos

efeitos.” (TOLIPAN, 1992, p. 12). Mais adiante trataremos do imaginário. Para isso, primeiro, iremos abordar o conceito de falo.

Na obra de Freud encontramos, sobretudo, referências ao órgão sexual pênis. São poucas às vezes que ele menciona a palavra falo, sempre como sinônimo de pênis. Como tratado anteriormente, Freud trata do pênis em relação a sua posição privilegiada como zona erógena e ao seu papel decisivo na instalação do complexo de castração diante da diferença sexual e de suas conseqüências psíquicas.

Ao contrário de Freud, Lacan poucas vezes emprega o termo pênis. O psicanalista francês preferiu usar o termo falo para marcar que o que interessa eminentemente a teoria psicanalítica não é o órgão genital masculino em sua dimensão biológica, mas o papel que esse órgão desempenha na fantasia. Portanto, Lacan refere-se ao pênis como órgão sexual masculino, dado anatômico, e ao falo no que diz respeito às funções que ele ocupa no registro simbólico.

O primeiro significante que empresta significação a todos os demais é o falo, representado por um  $\Phi$  maiúsculo. Ele representa a falta do sujeito, ao mesmo tempo que representa o objeto que recobriria essa falta. Como todo significante, aponta a ausência e a presença, e pode ser significado de inúmeras maneiras; desde o mais prestigiado pênis, como também adquirir valores culturais como inteligência, beleza, poder, saber etc (TOLIPAN, 1992, p. 29).

Para Lacan, assim como para Freud, o Édipo é o complexo central do inconsciente. Em seu movimento de retorno a Freud, ele não encara o Édipo como um romance ou fenômeno, tal como uma primeira leitura do texto freudiano pode nos fazer entender. O psicanalista francês extrai a estrutura lógica do Édipo freudiano, dividindo-o em três tempos lógicos que correspondem a uma seqüência lógica relativa à passagem do Imaginário para o Simbólico. Nesse sentido, “do ponto de vista estrutural de Lacan, ele [o complexo de Édipo] não é uma

fase, nem um sentimento, mas um mito, e como tal, uma história que define o lugar do impossível” (VIEIRA, 2008, p. 161).

Ao contrário de Freud, Lacan não faz uma distinção entre o Édipo nos meninos e nas meninas. Para ele, o sujeito sempre deseja a mãe e o pai sempre será seu rival, independente do sexo da criança. Contudo, para Lacan, o sujeito masculino e o sujeito feminino experimentam o complexo de Édipo de maneira radicalmente assimétrica.

O complexo de Édipo, então, seria a estrutura triangular paradigmática que se opõem a todas as relações duais que foram extraídas das leituras feitas dos textos freudianos (mãe x filho; filho x pai etc).

No texto *Os Complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função de psicologia* (1938/2002), escrito a pedido de Henri Wallon para a Enciclopédia Francesa, circunscrito no verbete sobre a família, Lacan associa o conceito de imago<sup>10</sup> ao de complexo, criando suas primeiras formulações teóricas acerca do Imaginário. Para ele, a imago seria o elemento que constitui o complexo e é o último que permite compreender a estrutura familiar não sem a relação cultural que a determina e os laços da cultura que dão a ela uma organização.

Desse modo, o imaginário constitui-se por meio da imagem, como o nome indica. Lacan localiza a constituição desse registro no que ele chamou de Estádio do Espelho. Lacan apresentou suas idéias relacionadas a esse momento da constituição do sujeito num congresso de psicanálise em 1936 e foi retomado no ano de 1949, período em que ele se dedicou profundamente ao estudo dos fenômenos imaginários.

---

<sup>10</sup> Protótipo inconsciente de personagens, a imago determina a forma como o sujeito apreende outrem. É elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasmáticas com o círculo familiar.

A partir dessa tópica, podemos abordar outra contribuição importante de Lacan que é a do conceito de sujeito. Inicialmente, o termo sujeito era equiparado a noção de ser humano. O sujeito da psicanálise, para Lacan, é constituído por uma marca indelével: sua divisão.

Lacan então naquele trabalho sobre a família estabelece três complexos ou tempos: o complexo do desmame, o complexo de intrusão – em que está inscrito o estágio do espelho e o complexo de Édipo. Tal amarração entre complexo e imago tomá outra dimensão em sua tópica do Real, Simbólico e Imaginário.

O complexo de Édipo pode ser entendido no ensino de Lacan como a passagem de uma ordem imaginária para a ordem simbólica, sem a qual o sujeito não pode ter acesso sem enfrentar o problema que se coloca para ele a respeito da diferença sexual.

No início de seu ensino, Lacan não aborda muito a temática da castração. O assunto aparece rapidamente em seu trabalho sobre os complexos familiares (1938/2002) basicamente ratificando a noção freudiana de que a castração se apresenta, sobretudo, como uma fantasia de extirpação do pênis. Nesse sentido, ele associa o fantasma da castração com uma constelação de fantasias de desmembramento corporal, contemporâneas ao estágio do espelho, que só mais tarde girarão em torno da fantasia específica da castração. É no seminário de 1956-57, sobre a relação de objeto, que a castração ganhará espaço como conceito na teorização de Lacan.

Nesse seminário ela é definida como uma das três formas de falta de objeto, sendo as outras frustração e privação. Para Lacan a frustração refere-se a uma falta imaginária de um objeto real, a privação ele a define como a falta real de um objeto simbólico e a castração é definida como a falta simbólica de um objeto imaginário. Nesse sentido, a função fálica é a função simbólica da castração. A partir desse momento, Lacan rompe com a concepção do

pênis como órgão literal, desvinculando o complexo de castração da biologia, e passa a tratar a respeito do falo, em sua dimensão imaginária.

Ainda no seminário 4, Lacan afirma que o complexo de castração é o pivô em torno do qual gira todo o complexo de Édipo. Ao contrário de Freud, que afirmava que o complexo de castração era diferente entre meninos e meninas, para Lacan a castração corresponde ao momento final do Édipo em ambos os sexos.

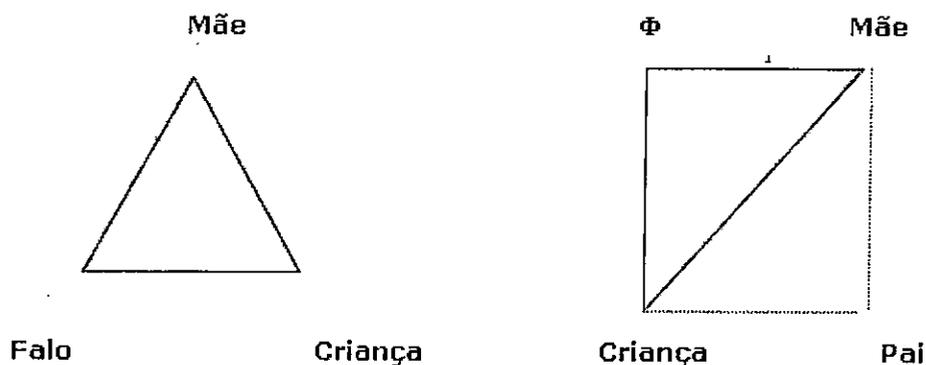
A castração, então, abre a possibilidade para o desejo, para o dom do amor e é uma abertura para o outro.

Lacan radicaliza de tal forma essa particularização do sujeito da psicanálise que retirada toda e qualquer referência cronológica, ou ao desenvolvimento infantil ou à maturação e, até mesmo, ao progresso. Para ele nada disso existe. O que coloca nesse lugar são referências lógicas: momentos lugares e movimentos que ocorrem segundo uma lógica particular (TOLIPAN, 1992, p. 22),

## 2.2 - Os três tempos do Édipo

No primeiro tempo, o complexo de Édipo se caracteriza por um triângulo imaginário composto pela mãe, a criança e o falo. Algo que aparece no Seminário, livro 4, como triângulo pré-edípico. Com suas referências a modelos quaternários, Lacan realiza uma crítica a todos os modelos puramente triangulares do complexo de Édipo. Nesse sentido, o Édipo não deve ser compreendido como uma passagem de uma relação dual para uma estrutura triangular, mas como uma transição de um triângulo pré-edípico (mãe-criança-falo) para uma estrutura quaternária (mãe-criança-pai-falo). Disso se extrai a seguinte consequência: nunca há uma relação puramente dual entre a mãe a criança, mesmo antes da intervenção do pai. Sempre haverá um terceiro termo: objeto imaginário falo que a mãe deseja mais que à criança

propriamente dita. Sendo assim, a presença do falo imaginário neste momento indica que o pai simbólico está em funcionamento.



No primeiro tempo do complexo de Édipo, a criança compreende que tanto ela como a mãe estão marcadas por uma falta. O sinal da falta da mãe é o fato de que ela deseja, pois se vê incompleta e o sujeito também se vê marcado pela falta visto que não serviu como objeto que completasse a mãe, que satisfizesse completamente seu desejo. O elemento que falta a ambos é o falo imaginário. A mãe deseja o falo que a ela falta e o sujeito passa a converter-se como objeto de desejo para ela, ocupando o lugar de falo para a mãe, procurando obturar sua falta estrutural.

O segundo tempo do complexo de Édipo se caracteriza pela intervenção do pai imaginário. O pai impõem a lei ao desejo da mãe, ao negar a ela o acesso ao objeto fático e proibir ao sujeito o acesso a mãe. Lacan chama essa operação de castração da mãe, que a rigor refere-se a uma privação. O que conta nessa intervenção do pai não é sua força, mas sim o discurso da mãe. Não é importante que o pai real intervenha, o que está em jogo é que essa lei faça parte do discurso da mãe em sua relação com o filho. Nesse momento, o sujeito enxerga o pai como rival que disputa com ele o desejo da mãe.

É no terceiro momento do complexo de Édipo que acontece a intervenção do pai real, ao demonstrar que possui o falo e que não o cede e não o dá, o pai castra a criança, no sentido de estabelecer a impossibilidade relacionada a continuidade da criança se apresentar como falo para a mãe - já que o pai sempre ganha essa disputa. O sujeito então é livrado da tarefa impossível e angustiante de ser o falo, quando compreende que o pai o possui. Essa operação permite que o sujeito se identifique com o pai. Nessa identificação simbólica, o sujeito abre mão de certa medida de agressividade ligada à primeira identificação imaginária. Nesse sentido, Lacan segue Freud afirmando que o supereu se forma a partir dessa identificação edípica com o pai.

Visto que o simbólico é o campo da lei, e como o complexo de Édipo é justamente a conquista ou a passagem para essa ordem simbólica, o efeito que ele possui é de estabelecer uma função normativa e normalizadora, em referência às estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão e ao posicionamento sexual.

Assim como Freud localizava a raiz de toda a psicopatologia nas experiências experimentadas pela passagem pelo Édipo, Lacan também situa nesse complexo a origem das estruturas clínicas, todas produtoras de sintomas e de patologias. Sendo impossível resolver totalmente o Édipo, nenhum sujeito sairá dele completamente são. É o preço que se paga para que o sujeito se constitua. Porém, pode-se dizer que a estrutura clínica mais próxima de uma suposta normalidade seria a neurose.

O sujeito neurótico atravessa os três tempos do Édipo. Não há neurose sem a travessia completa por ele. Enquanto que na psicose, na perversão e na neurose fóbica há algo incompleto nessa travessia. Na psicose, há um bloqueio fundamental, presente antes do

primeiro tempo do Édipo. Na perversão, o sujeito passa pelo primeiro e pelo segundo tempo. Contudo, ao invés de identificar-se com o pai no terceiro tempo, o sujeito se identifica com a mãe e com o falo imaginário, retornando ao triângulo imaginário pré-edipiano. A fobia surge quando o sujeito não pode realizar a transição do segundo tempo do complexo de Édipo para o terceiro, porque, nesse caso, o pai real não intervém. A fobia serve então para que o sujeito possa realizar a passagem para o último tempo, chegando no nível simbólico próprio da neurose.

É a maneira singular como cada um atravessa o Édipo que irá determinar o seu posicionamento enquanto sujeito sexuado, bem com a sua escolha de objeto sexual.

## Conclusão

O complexo de Édipo possui a função de estruturar a subjetividade. Não é algo restrito ao contexto em que foi criado por Freud, a sociedade vienense burguesa e patriarcal no final do século XIX e do início do século XX. O Édipo também não se constitui como um romance criado pelo pai da psicanálise a partir de sua história pessoal e singular, numa articulação com a mitologia grega e com a literatura, embora tenha utilizado desses elementos para elaborá-lo.

Segundo Freud, o Édipo é marcado, sobretudo, pela fantasia e é o caminho que a criança deve percorrer para não se tornar vítima da pulsão. É nessa passagem da natureza para a cultura, de grande relevância para a educação, em que se instaura a lei por meio da interdição do incesto e do assassinato, tendo a figura do pai como agente principal. Uma das conseqüências do Édipo para Freud é o desenvolvimento do supereu na criança, instância responsável pela moral, pela religião e pela lei.

Além disso, para ele, o Édipo é a pedra angular da psicanálise e o que permite a criança ocupar um lugar no mundo separada de seus pais. O Édipo é a via régia para a possibilidade do amor e para desejo, inclusive para o desejo de aprender e para o ingresso no mundo do trabalho.

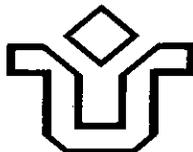
Lacan evidencia o caráter estrutural do Édipo, em detrimento ao fenômeno. Aí reside sua importância como conceito vivo e o que o qualifica como válido na contemporaneidade: por mais que os modelos de família tenham-se modificado ao longo das décadas e a sociedade tenha se transformado, a trama lógica mãe, pai, criança e falo, todos aqui como função lógica de nó, continua a produzir sujeitos desejantes, sexuados e vinculados a uma das três estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão.

## Referências bibliográficas

- EVANS, DYLAN. *Diccionario introductorio de psicoanálisis lacaniano*. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FREUD, Sigmund. (1897). Carta 71. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. I Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 316
- \_\_\_\_\_ (1900). A interpretação dos sonhos In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. V. e VI Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_ (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. VII Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 128-229.
- \_\_\_\_\_ (1908) Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. IX Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 191-204.
- \_\_\_\_\_ (1909) Análise de uma fobia de um menino de cinco anos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. X Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 15-133.
- \_\_\_\_\_ (1922). Dois verbetes de enciclopédia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. X Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 251-270.
- \_\_\_\_\_ (1923) A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. X Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.157-161.
- \_\_\_\_\_ (1925) Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIX Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 277-286.
- \_\_\_\_\_ (1931) Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 233-251.

- \_\_\_\_\_ (1932). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência XXXIII – Feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXII Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 113-134.
- \_\_\_\_\_ (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXIII Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 231-270.
- LACAN, Jacques (1938). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função da psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_ (1956-1957). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- \_\_\_\_\_ (1957-1958). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_ (1958, 1966). A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692 – p. 703.
- \_\_\_\_\_ (1962-1963) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_ (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_ (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LAPLANCHE, Jean. PONTALIS, *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- PERRON, Roger. Édipo, complexo de. In: MIJOLLA, Alain de. *Dicionário internacional de psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro: Imago, 2005. p. 371.
- ROUDINESCO, Elizabeth; PLON. Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SÓFOCLES. Édipo Rei. In: VIEIRA, Trajano. *Édipo Rei de Sófocles*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- TOPIPAN, Elizabeth. *A estrutura da experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro: 1992, 155 páginas. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da UFRJ.
- VIEIRA, Marcus André. *Restos: uma introdução lacanianiana ao objeto da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.

VIEIRA, Trajano. *Édipo Rei de Sófocles*. São Paulo: Perspectiva, 2004.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO -UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH  
Escola de Educação – EE

**MONOGRAFIA II**

**ALUNO(A)/matrícula: RODRIGO FIGUEIREDO NOCCHI**

**TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: A ESTRUTURA DO COMPLEXO DE ÉDIPO EM  
FREUD E LACAN**

**ORIENTADOR(A): PROFA. DRA. RITA MARIA MANSO DE BARROS**

**FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL**

**PRIMEIRO AVALIADOR**

**Professor convidado: ALBERTO ROIPHE BRUNO**

**Nota : \_\_10,0 (dez)\_\_**

**Considerações:** O aluno cumpre os objetivos expressos em seu trabalho, promovendo um estudo comparativo entre as teorias de Freud e de Lacan. No texto, põe em evidência a origem grega do mito de Édipo e sua transposição para a linguagem escrita, na obra de Sófocles, mostrando a importância da fonte dessa narrativa para a psicanálise. Além disso, deixa clara a contribuição de seus estudos de Psicologia para a compreensão do "complexo de Édipo", abrindo possibilidade de se estabelecer relações entre as áreas de Psicologia e Educação.

**DATA:** 17/12/2010 **Assinatura:** 

## SEGUNDO AVALIADOR

**Professor orientador: RITA MARIA MANSO DE BARROS**

**Nota: \_\_\_ 10,0 (dez) \_\_\_**

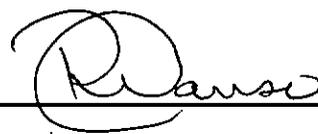
### **Considerações:**

O aluno Rodrigo Nocchi foi meu pesquisador desde o terceiro período do Curso de Pedagogia, valendo-lhe inclusive a menção honrosa do avaliador do CNPq. A presente monografia corresponde a uma necessidade teórica de embasar os conhecimentos que foi vendo na prática, desde a sua participação como observador numa creche, acompanhando as descobertas afetivas e sexuais da primeira infância. O conceito de complexo de Édipo, criado por Freud e aprofundado por Jacques Lacan, considerado um dos conceitos universais da Psicanálise, todos o atravessamos, mas ninguém da mesma forma, auxilia o educador a compreender os impasses psíquicos do processo educativo que conduzem a paradas ou desvios no desenvolvimento da subjetividade. A presente monografia demonstra o esforço do aluno em rastrear o conceito na obra de Freud e de Lacan, servindo de base para seus estudos posteriores.

**Data:** \_\_\_\_\_

17/12/2010

**Assinatura:** \_\_\_\_\_



### **RESULTADO FINAL**

| <b>Avaliador 1</b> | <b>Avaliador 2</b> | <b>Média final</b> |
|--------------------|--------------------|--------------------|
| <b>10,0 (dez)</b>  | <b>10,0 (dez)</b>  | <b>10,0 (dez)</b>  |

Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 2010



Rita Maria Manso de Barros

Prof. Orientador